

MELHORES POEMAS

CORA CORALINA

Direção de Edla van Steen

MELHORES POEMAS

CORA CORALINA

Seleção de  
DARCY FRANÇA DENÓFRIO

\*\*\*

2ª edição digital

São Paulo  
2020

**Darcy França Denófrio** é poetisa, ensaísta e crítica literária. Mestre em Teoria da Literatura, é professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, em que lecionou Teoria da Literatura, Literatura Brasileira e Língua Portuguesa nos cursos de graduação em Letras. Dedicou trinta anos de sua vida ao ensino, nos quatro níveis, e encerrou sua carreira no magistério superior ministrando Teoria do Poema no Curso de Pós-graduação em Letras e Linguística da UFG. A par da docência, dividiu sua atenção de estudiosa entre as questões metodológicas do ensino do português e a crítica literária. Como autora didática, publicou, em 1970, pela Editora do Brasil, uma coleção composta de três volumes, destinada ao ensino da composição no Ensino Fundamental, e que resultou de seus quinze anos de experiência nessa área, bem como de suas visitas a escolas de primeiro grau da França e da Itália. Estreou na poesia em 1980, com a obra *Voo cego*, seguida de *Amaro mar*, Prêmio Literário Nacional do Instituto Nacional do Livro – 1987 e *Ínvio lado*, Prêmio Jorge de Lima – 2000, da UBE e Academia Carioca de Letras. Com mais de vinte obras publicadas, dedicou-se especialmente ao estudo da literatura goiana, produzindo, entre outros títulos, as coleções *Hidrografia lírica de Goiás* e *Lavra dos goiases*, que vai para o quarto volume. Vem assinando ensaios e artigos de crítica literária em jornais locais e algumas revistas especializadas do País. Em 2006, foi uma das organizadoras do livro *Cora Coralina – celebração da volta* e em 2008 publicou *Poemas de dor & ternura*.

## CORA DOS GOIASES

“Este nome não inventei”, diria, parodiando as primeiras palavras de Drummond ao apresentar Cora Coralina ao Brasil inteiro, pelo *Jornal do Brasil*, a 27 de dezembro de 1980, portanto há mais de duas décadas. Ele se referia à autora. Nós, ao título.

Por honestidade intelectual, devemos dizer que, apesar de assinar uma coleção denominada *Lavra dos goiases*, foi Oswaldino Marques quem sugeriu este epíteto à poetisa goiana em magnífico ensaio publicado mais de uma vez e antes mesmo de conhecê-la pessoalmente. Esse estudo foi aproveitado como prefácio já na primeira edição de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, pela Editora da UFG, em 1978, comparecendo depois em todas as demais edições, incluindo as subsequentes da Global, até o momento. Foram estas as suas palavras: “Assim como Juana de Ibarbourou foi cognominada Juana da América, assim a nação do planalto brasílico deveria, numa festa de consagração nativista, rebatizá-la Cora dos Goiases, o que, ou muito me engano, lhe saberia ao seu mais constelado galardão”.

Por considerá-la um verdadeiro símbolo de Goiás, rebatizamo-la com esse título, cumprindo parcialmente o desejo do renomado crítico e professor, expresso há mais de 25 anos. E o fazemos exatamente dentro do espírito daquela nossa coleção que vive de honrar os luminares de nossa literatura goiana e cujo quarto volume sonhava transformar-se numa outra Casa de Cora Coralina. Não podendo laureá-la dessa forma, quis Deus ou o destino que a editora me convidasse para realizar este honroso trabalho. Com ele, saldo pelo menos parte de meu débito com a autora, cuja obra teve o poder de transformá-la em um belo ícone de Goiás, tanto quanto é, para nós, o rio Araguaia.

Difícil foi acomodar os poemas na extensão prevista para esta antologia, que deveria seguir um perfil previamente definido pela Editora. Rebeldes à contenção lírica ou a quaisquer outras constrições, os poemas de Cora Coralina são frequentemente lírico-narrativos e alguns de seus melhores poemas chegam a cobrir dez ou mais páginas. Esta antologia segue um critério cronológico e temático, predominando, excepcionalmente, o segundo sobre o primeiro. Mas, acima de tudo, um critério estético. Sem citar o nome das obras, os poemas aparecem, em cada bloco, com raras exceções, na ordem de publicação dos livros: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, *Meu livro de cordel*, *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Aliando o tema a expressões recorrentes no texto da autora, criamos as seguintes seções: “Nos reinos de Goiás”, “Canto de Aninha”, “Criança no meu tempo”, “Paraíso perdido”, “Entre pedras e flores”, “Canto solidário” e “Celebrações”.

A primeira seção, “Nos reinos de Goiás”, é formada, em sua quase totalidade, de peças extraídas de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. As únicas exceções: os três poemas finais, retirados de *Meu livro de cordel* e de *Vintém de cobre*, respectivamente. Nossa intenção foi a de partir daquele universo mais remoto, quase perdido nas regiões da lenda, recobrado, a seu modo, pela memória prodigiosa da autora para, somente depois, alcançar o mais próximo. Neste primeiro segmento, ela olha para fora de si mesma, contemplando um Goiás arcaico (colonial, imperial ou

recém-republicano), numa verdadeira atitude épica, de que são exemplos modelares os poemas “Estória do aparelho azul pombinho” e “Do beco da Vila Rica”.

A segunda parte, “Canto de Aninha”, expressão polivalente, é extraída de *Vintém de cobre*, com uma única exceção, o poema de abertura do bloco, retirado de sua primeira obra editada. Aí a direção do olhar se inverte: a voz lírica perde-se (ou ganha-se?) na contemplação de si mesma, uma vez que agora se trata de um olhar para dentro, rebuscando o seu sofrido e traumático universo interior, para o qual já aponta o primeiro poema, “Minha infância”. Após o título, subscreve, entre parênteses, uma propositada alusão ao pai da psicanálise: *freudiana*. O que se vê nesta seção é a menina mal-amada, discriminada, incompreendida, traumatizada. Atentem para ela sobretudo aqueles que sondam as profundezas da alma humana.

Já o terceiro segmento, denominado “Criança no meu tempo”, recebe apenas o primeiro e o último texto de *Poemas dos becos de Goiás*. Todos os demais provêm da obra *Vintém de cobre*. Este bloco tem o mérito de desvelar para o leitor a educação de um tempo arcaico, praticada não somente em Goiás, mas também, e certamente, em todo o Brasil provinciano da época, quando a criança não tinha voz nem vez. Ele possibilita um manancial de preciosas informações e inferências, de modo especial, a educadores, sociólogos, psicólogos e psicanalistas. Neste espaço, aparece o único texto em prosa da coletânea, uma crônica desse tempo, incluída na primeira obra poética de Cora Coralina. Mantivemo-la no fecho da seção por sua linguagem repassada de lirismo, não destoante do gênero; também porque sempre integrou, em sucessivas edições, seu livro de poemas de estreia e, sobretudo, por seu contundente depoimento acerca dos direitos da criança naquele tempo.

Exclusivamente da obra *Vintém de cobre* são todos os poemas do quarto bloco, “Paraíso perdido”, frase usada pela própria autora numa feliz alusão à fazenda de seu avô, onde a felicidade um dia lhe foi possível. De novo, o seu olhar se dirige para o passado mais remoto e a postura é visivelmente épica. Nesta parte, se veem o modelo patriarcal rural, compatível com o reinado de certa matriarca (sua bisavó, viúva de sesmeiro); a renúncia de uma das filhas ao casamento (“Lei familiar em Goiás”), a fim de “oferecer sua virgindade à Santa Mãe de Jesus,/ ter garantido, seu lugar no céu [...] cuidar dos pais na velhice e reger a casa”; as antigas relações humanas e de trabalho; “os deveres sagrados da hospitalidade” goiana ou sertaneja, enfim, toda uma ética hoje perdida, mas felizmente recuperada por alguém que tinha viva consciência deste dever: “Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado/ antes que o Tempo passe tudo a raso”.

A quinta subdivisão, “Entre pedras e flores”, abriga ostensivamente poemas integrantes de *Meu livro de cordel*, entretanto recebe, ainda, os sete últimos poemas da obra *Vintém de cobre*. Partindo de um universo mais remoto, alcança-se agora o mais próximo, com as marcas de um corpo lírico lanhado, que assume o saldo de sua própria escolha, tentando reverter ou, ao menos, compensar as suas agruras com as flores-poemas. *Pedra e flor*, sobretudo a primeira, são palavras tão reincidentes quanto simbólicas no texto de Cora Coralina. A palavra *pedra*, no singular, no plural ou em formas parassinônimas, comparece 86 vezes em sua obra lírica publicada. Isto sem falar de sua reincidentia na prosa, nas entrevistas e em falas gravadas. Chegou a dizer que em sua poesia só havia pedra. Enganam-se os que veem na poesia de Cora Coralina o meramente referencial. De fato, o simbólico, em sua lírica, não foi suficientemente explorado. Quem se enveredou por esse universo foi o professor Saturnino Pesquero Ramón em sua obra *Cora Coralina: o mito de Aninha*, incluída na fortuna crítica.

A sexta seção, “Canto solidário”, acolhe poemas de suas três obras poéticas. No entanto, a primeira delas está muito mais presente. São poemas que revelam a profunda preocupação humano-cristã e social da autora. Aquela mesma preocupação com o outro, revelada concretamente em vida, desde quando morava no interior de São Paulo. Seu lírico volta-se para a mulher desvalida; o menor abandonado; o presidiário; o judeu, cujo “débito universal/ jamais” parece esgotar-se; para o contingente humano que lota um navio, largado ao mar, seres humanos banidos pela guerra, sem direito a um porto; enfim, para os desfavorecidos de qualquer ordem. E, até mesmo, para questões ecológicas. Se não é este o ponto mais alto de sua poesia, também não chegam esses poemas a caracterizar o chamado “casamento de conveniência”, a que se submeteram certos engajados, e para cujo risco nos alertou Wendel Santos, um dos maiores críticos literários que Goiás já conheceu.

Finalmente, a sétima parte, “Celebrações”, abriga, quase em igual medida, peças provindas de *Poemas dos becos de Goiás* e *Meu livro de cordel*, finalizando com dois poemas de *Vintém de cobre*. Depois de fundas agruras, num canto em tom menor, para usar uma linguagem musical, finalmente chegamos a uma tonalidade maior, de celebrações. Cora festeja ou exalta grandes e pequenas coisas: a natureza, o ser humano nela imanente e até mesmo humildes objetos. Principalmente, celebra a terra e o que nela viceja. Aqui se inserem, por exemplo, o louvadíssimo “Poema do milho”, repassado de imagens eróticas, o belíssimo “A gleba me transfigura” e “Ode às muletas”. Deste último poema, sacrificamos o que nos parecia ostensivamente circunstancial para evidenciar a bela parte que recobra a história e a evolução do objeto, de simples bastão a báculo episcopal. Sem desejar fazê-lo, Cora oferece um espetáculo de sabedoria. Mas, como sempre, nela tudo soa singelo e pode até passar despercebido aos olhos do leitor incauto.

À primeira vista, fato intrigante para um estudioso da obra poética de Cora Coralina é a atualidade de seu discurso literário. Sobretudo se comparada à sua contemporânea Leodegária de Jesus, primeira mulher a publicar livro de poemas em Goiás (*Coroa de lyrios*, 1906 e *Orquídeas*, 1928). Ambas nascidas em 1889, no mesmo mês de agosto (Leodegária no dia oito, Cora no dia vinte), grandes amigas desde a adolescência; confidentes pela vida afora (Leodegária era praticamente a única jovem a frequentar, com assiduidade, a casa de Cora na cidade de Goiás); ambas destacadas ativistas literárias, realizaram, no entanto, uma poesia verdadeiramente antípoda. Além de participarem do Clube Literário Goiano que chegou a ser presidido por Leodegária (conforme se lê em “Velho sobrado”, da própria Cora), agremiação que era palco das “tertúlias literárias” da época, as duas também, ainda adolescentes, integraram a equipe de quatro jovens encarregadas de dirigir o jornal literário *A Rosa*, destacando-se a atuação das duas amigas. Fundado em 1907, esse jornal funcionou, à época, como verdadeiro veículo das ideias do movimento literário da cidade de Goiás, segundo Gilberto Mendonça Teles em sua obra de referência, *A poesia em Goiás*.

Não é difícil deduzir por que se tornou diametralmente oposto o código com que cada uma das duas escritoras cifrou o seu discurso literário. Primeiro, Leodegária recebeu uma educação formal refinada, frequentando aulas no Colégio Sant’Ana, chegando mesmo a concluir o Curso Normal, embora impedida de ingressar na Academia de Direito, curso jurídico então recém-criado na cidade de Goiás (sobre o assunto, conferir *Lavra dos goiases III: Leodegária de Jesus*, de nossa autoria. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001). O famoso Colégio Sant’Ana era dirigido

por irmãs francesas e, em seu currículo, figurava o francês. Imitando a capital do País, esta língua era também, nos tempos áureos da cidade de Goiás, ensinada aos interessados por professores particulares. Entre estes, havia um padre que dava aulas à própria mãe de Cora Coralina. Tanto que Gilberto M. Teles não somente informa que o jornal *A Rosa* era impresso em papel cor-de-rosa, e ainda que seus dirigentes ofereciam bailes, a que as moças deviam comparecer vestidas de cor-de-rosa, mas também, e sobretudo, esta nota curiosa: “só se podia falar em francês”. Diz ele: “Era o toque do refinamento”. E Cora Coralina confirma o hábito vilaboense em um de seus poemas: “Sim, que aquela gente do passado,/ tinha sempre à mão o seu francês”.

Não se pode desprezar o fato de que, na primeira década do século XX, houve um movimento editorial extraordinário na cidade de Goiás. Nessa época, por volta dos quinze anos de vida de ambas, enquanto Leodegária já preparava, dentro da clausura da forma, os originais de seu primeiro livro de poemas, Cora Coralina ensaiava contos e crônicas para semanários ou jornais locais. Nesse lapso de tempo, aproximadamente dez obras são publicadas, incluindo a de Leodegária, e esta se cerca de poetas maduros, mentores que, naturalmente, a influenciam com seus códigos anacrônicos. Tanto que a linguagem de Leodegária não dá notícias do Modernismo brasileiro, mesmo quando publica sua segunda obra poética em 1928 (portanto, seis anos depois da Semana de Arte Moderna), quando já residia em Uberlândia-MG. Foi sempre romântica quanto ao fundo e parnasiana quanto à forma. Isto, no entanto, não lhe tira o mérito de ter sido, entre nós, digna precursora dentro da literatura de autoria feminina. No estado de Goiás, com obra publicada, foi a única representante dessa voz durante quase meio século.

Outro destino teve Cora Coralina. Contou apenas com uma professora particular, a louvada Mestra Silvina e, surpreendentemente, com ilustres colegas, a exemplo de Hugo de Carvalho Ramos e de seu irmão Victor de Carvalho Ramos. Estes prosseguiram seus estudos, no entanto Cora Coralina somou apenas dois ou três anos<sup>1</sup> de escola primária, “a única escola de minha vida”. Afirma que “foi por essa única escola de uma grande mestra”, que chegou à publicação de seus livros. E é à memória daquela que chama de “grande mestra”, “Mestra Silvina”, que nomeia um de seus poemas, que ela erige também o seu “Cântico excelso”. Nele admite: “Foi pela didática paciente da velha mestra que a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina”. Essa dedicatória na introdução de sua obra lírica, *Vintém de cobre*, merece ser lida na íntegra, por revelar a autodidata em que se tornou, depois, essa mulher extraordinária que foi Cora Coralina e que continua sendo, graças à transcendência alcançada por sua obra.

Se ela frequentou apenas uma escola primária, como teria tão cedo, ao lado de Leodegária de Jesus, alcançado as credenciais para frequentar o Clube Literário Goiano e de se apresentar em saraus, onde, aplaudida declamadora, teria conhecido o homem que alteraria o curso de sua vida? E, principalmente, como chegou a integrar (ainda ao lado de Leodegária que, nos parece, lhe oferecia o passaporte), um grupo de quatro jovens responsáveis pela produção do jornal literário *A Rosa*, muito lido e “veículo das ideias do movimento literário da cidade de Goiás”, como já se disse? Por que, à época da revista mensal *A Informação Goiana*, por algum tempo pôde ela colaborar ao lado de Hugo de Carvalho Ramos que se tornou, apesar de sua curta vida de escritor (Hugo morre em 1921), um nome de alcance nacional? Vivendo já no interior de São Paulo, a participação de Cora nessa revista, distribuída

em Goiás, todavia fundada e dirigida pelo notável goiano Henrique Silva, no Rio de Janeiro, veiculando matérias de colaboradores que ele julgava “os mais competentes” entre nós, dá-se entre os anos de 1919 e 1924, quando se interrompe bruscamente. Finalmente, para não alongar tanto estas indagações, se frequentou apenas três anos (ou talvez menos) de uma escola primária, de onde viria o seu conhecimento de certas teorias, como a de Freud e a de Malthus, de que nos dão notícias seus próprios poemas?

Cora Coralina foi, verdadeiramente, uma jovem especial. Preterida entre as suas irmãs, transformou-se depois, em certo sentido, num cisne. E, exatamente como aquele da história, com o tempo ganhou o seu próprio porte, vestiu-se de suas próprias penas. Estas assumiram, em sua vida, um duplo sentido. Saber, no caso da mulher, e sobretudo naquele tempo, implicava (implica?) certa quota de agrura, além daquelas que a própria vida lhe reservou. Cora leu, muito e sempre, livros e jornais, tornando-se uma autodidata. Mas, sobretudo, Cora Coralina soube ler a vida, dando-lhe conotações próprias. É ela própria quem nos diz em sua poesia: “A minha maior angústia foi superar a minha ignorância”. E não é de se admirar que ombreasse com a elite cultural de seu tempo. Jovem, adulta, madura ou anciã foi alguém absolutamente receptiva às informações do mundo que a cercava e que lhe chegavam, ao longo do tempo, por todos os meios de comunicação disponíveis. Seus poemas revelam tanto um passado remoto quanto a atualidade do presente em que se insere. Foi, usando de sua própria expressão, sempre uma “participante”.

A ausência de um ensino formal, como aquele ministrado no Colégio Sant’Ana, jamais a prejudicou. Antes, trouxe-lhe benefícios. Seu texto não ganhou aquela rigidez formal que, certamente, teria adquirido no contato com as irmãs francesas. Não houve também censores (ou índices) para suas leituras, não certamente como aqueles dos colégios de freiras, que chegamos a experimentar. Isto deve tê-la ajudado a formar um pensamento livre, verdadeiramente independente. E se tinha “os censores intra e extraluar”, como afirma, também “seus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas”.

Não é de se estranhar, portanto, que um vetor erótico atravessasse a obra poética de Cora Coralina, contrariamente ao que se vê na obra de Leodegária, mais regida por Tanatos. Embora alguma vez se dissesse “assexuada” (aqui entra o biográfico, talvez a sua condição de viúva), Eros é uma força onipresente em seu lírico: seja quando observa o reino animal, seja quando contempla o mundo vegetal. Neste sentido, ousou dizer coisas que Leodegária jamais teria dito. Seu poema “O canto de Dorva”, de *Meu livro de cordel*, apresenta uma personagem que “estua sexo”, um claro exemplo da distância entre as duas. E somente os seus olhos poderiam flagrar daquele modo o “Búzio novo”, com suas “flores sexuais” ou aquele “espasmo no bananal”. Ou mesmo a “Lésbica lua nascente,/ andrógina lua-luar”; a “Lua grande. Lua genésica/ que marca a fertilidade da fêmea/ e traz o macho para a sementeira”. O “Poema do milho”, unanimidade entre os críticos como sendo um dos picos líricos mais elevados em Cora Coralina, é todo um espetáculo de imagens eróticas, de uma eficiência e delicadeza jamais vistas neste aquém-Paranaíba. E, dentro de tal clima, a poetisa é capaz de invocar Deus sem nenhum problema. Cora sabia lidar, sem conflitos, com os dois polos antitéticos, próprios do humano: o espiritual e o carnal. Coisa, aliás, muito difícil para mulheres de sua e, até mesmo, de gerações posteriores. O natural era, para ela, sempre puro, o edênico antes da queda. Por isso foi capaz de contemplar os “touro, marruás” na sua integridade, sem os olhos da interdição (ou malícia?) provinda de nossa educação cristã. De contemplá-los sem

omitir, por exemplo, como o fez no poema “Evém boiada”, “A verga [o pênis]. As glândulas do sexo, enormes, conformadas”. Foi capaz de registrar também a conversa dos “homens” no “Pouso de boiadas”, homens “que assuntam de mulheres.../ Fêmea. Erotismo de macho./ Palavreado obsceno”. E, no canto deles, viu “... o chamado obscuro, sexual”. No poema “Rio vermelho” em que ficam as ditas “águas de minha sede”, de *Meu livro de cordel*, a voz lírica inclui o que chama “meus sapos cantantes.../ Eróticos, chamando, apelando,/ cobrindo suas gias”. Nesse rio, que diz ser também o “líquido amniótico”, onde cresceu o feto de sua poesia, afirma: “navegaram meus sonhos”. Certamente aquele de “Pescadora, sonhadora/ do peixe-homem”. E pescadora de sucesso: “um dia caiu na rede/ meu peixe-homem...”. Usa, nesses casos, às vezes uma linguagem reticente, como se estivesse, de modo irônico e à socapa, testando o prurido dos velhos leitores de sua terra, quase sempre preconceituosos. Ela (seus olhos não enganavam) devia calcular a reação desses leitores.

Seu pensamento independente pode ser aferido outras tantas vezes. Embora fosse cristã e leitora da Bíblia, como se infere de seus poemas, alguns de seus versos também revelam que não aceitava passivamente a doutrina. Contesta, por exemplo, a ideia da salvação pelo sofrimento, uma clara herança cristã.

O “Crescei e multiplicai-vos” recebe de sua pena uma preocupação absolutamente contemporânea no poema “A outra face”, de sua obra de estreia. Num paralelismo por oposição, entre a doutrina cristã e o pensamento científico, a poetisa fala como um autêntico sociólogo e cita Malthus, levando o leitor a sérias reflexões.

Portanto, é legítimo que essa mulher, que nasceu no século XIX (1889) e conviveu com tantos poetas e prosadores de discursos anacrônicos, mesmo estreando como poetisa aos 76 anos, apresente uma poesia com algumas daquelas inconfundíveis marcas do Modernismo brasileiro. Libertária por temperamento, sua poesia só poderia mesmo assumir este rosto. Jamais tolerou a métrica e, se chegou a usar a rima, não o fez do modo convencional, uma vez que sua alma reclamava mais esta liberdade – a criadora –, carro-chefe da estética de 22. Não é sem razão que parodiou Manuel Bandeira, o moderno de que ela esteve mais próxima, até mesmo na incorporação dos aspectos biográficos, presentes na obra de ambos. Esteve mais próxima exatamente daquele poeta de 22, que soube elevar a prosa coloquial à categoria do literário. Para Bosi, em sua *História concisa da literatura brasileira*, foi Manuel Bandeira o mais feliz incorporador de motivos e termos prosaicos dentro da literatura brasileira. O que Léo Lynce, príncipe dos poetas goianos e precursor do Modernismo em Goiás, fez esporadicamente em sua poesia, Cora Coralina fez sistematicamente entre nós. Com a diferença de que ele o fez em 1928 e ela, somente em 1965. Entretanto, quando Cora estreou, o Modernismo já estava consolidado entre nós, sobretudo com a obra de José Godoy Garcia. A rigor, Cora não seguiu ninguém. Foi mesmo o diamante solitário de que fala Drummond. Neste particular, deve ter ouvido Mário de Andrade que já afirmava no “Prefácio interessantíssimo”: “Costumo andar sozinho”. E mais: “não quero discípulos. Em arte: escola = imbecilidade de muitos para vaidade dum só”.

A poesia de Cora, estreando em 1965 (note-se que faltava apenas a manifestação do Poema Processo, e este, aliás, realizado fora do código linguístico), chegou ao tempo das experimentações que não quis ou não pôde incorporar, e fluiu mansamente dentro do leito das pródigas conquistas já consumadas pelo Modernismo brasileiro. Ela apresenta até mesmo (como o próprio Mário admite



para si, sem jamais ter sido um futurista) pontos de contato com Marinetti, talvez por influência da própria obra de Mário de Andrade. Morando no interior de São Paulo, à época da gestação e eclosão do movimento modernista, e como grande leitora que sempre foi, com certeza a poetisa tomou, depois, conhecimento da obra de seus mentores. Ela afirma, e mais de uma vez, que apenas acompanhou o movimento pelos jornais. Quanto aos referidos pontos de contato com Marinetti, em Mário, por exemplo, basta que se tome apenas a primeira linha da terceira estrofe do conhecidíssimo poema “Tietê”, onde grassam exemplos daquele processo de palavras em liberdade ou do pensamento sem fio: “Arroubos... Lutas... Setas... Cantigas... Povoar!...”. Em Cora Coralina, o processo pode ser flagrado em vários poemas. A começar pelo citadíssimo “Poema do milho”, rico em exemplos de palavras em liberdade e, muitas vezes, de uma enumeração nada caótica, terminada sempre com um ponto final, como neste fragmento: “As pragas todas conluiadas./ Carrapicho./ Amargoso./ Picão./ Marianinha./ Cururu-de-espinho./ Pé-de-galinha. Colchão”. Esse processo comparece em todo o “Cântico de Andradina”, de que citaremos parte da terceira estrofe: “Posse. Vinculação./ Desbravamento./ Lastro./ Variante./ Descrença dos vencidos./ Deserção. E o cântico de fé dos vencedores”. Em “Jaboticabal II”, basta ver a abertura do poema: “Cafezal./ Canavial./ Algodual./ Laranjal/ Rosal./ Roseiral./ Cidade das Rosas”. À época em que Cora Coralina começou a se tornar conhecida entre nós, um crítico que se iniciava, em Goiás, registrou seu desagrado ante essa técnica então usada pela poetisa, segundo ele, “de palavra, ponto palavra”, sem suspeitar de seu ponto de contato com o autor de *Pauliceia desvairada*, que, por sua vez, admitia seu ponto de contato com Marinetti, embora negasse, naturalmente, ser um de seus seguidores. Mário aplaudia Marinetti, dizendo que ele “foi grande quando redescobriu o poder sugestivo, associativo, simbólico, universal, musical da palavra em liberdade”. Entretanto reconhecia que essa técnica era “velha como Adão”. Para ele, o erro de Marinetti foi fazer dela sistema, quando era “apenas auxiliar poderosíssimo”. Que seja apenas intuitivamente, nossa poetisa soube perceber isto.

Contraditoriamente ou não, à época de sua estreia como poetisa, Cora foi muito mais apoiada, em Goiás, pelos jovens que se enveredavam pelas vias da experimentação, ou seja, pela vanguarda goiana daquela época, do que por aqueles que se encontravam em sua faixa de vigência. Na verdade, ela preferia os jovens. A poetisa declara, em seu poema, “Meu vintém perdido”, seu “respeito constante, gratidão pelos jovens./ Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo/ que me promoveram a primeira noite de autógrafos [...]: Jamais os esquecer”. Inclui, nesse poema, o nome de alguns integrantes do GEN (Grupo de Escritores Novos) que, naquele momento, entravam em cena e se faziam notar. O escritor Miguel Jorge, um de seus homenageados, propôs e conseguiu, à época, a filiação da poetisa ao GEN. A jovem anciã teve, de fato, sua obra de estreia apadrinhada pelos genianos que promoveram o seu lançamento no Bazar Oió, famoso ponto de encontro de escritores e que mantinha um jornal literário. É natural que, morando na cidade de Goiás, ela não viesse a frequentar as reuniões do GEN.

É preciso lembrar que a poesia de Cora Coralina, muitas vezes prolixa (ou com lâminas líricas muito extensas) e em tom coloquial eminentemente lírico-narrativo, na qual se notava, às vezes, a ausência de uma forte consciência estruturante, contrastava com a poesia formal dos que estavam, entre nós, no centro da referência literária. Basta lembrar que, apenas um ano antes de a poetisa lançar sua primeira obra, Gilberto Mendonça Teles, em 1964, produziu *Sonetos do azul sem tempo*.

Embora na obra de Gilberto (que passou depois por uma evolução somente comparável à de Cassiano Ricardo), e também na de outros companheiros seus, figurassem, por essa época, muitos poemas verdadeiramente modernos, apresentavam-se eles, quase sempre, como bem comportados filhos da tradição.

Um dos problemas de Cora Coralina em seus poemas líricos narrativos, as lâminas líricas muito extensas que, às vezes, não cabem numa única linha (isto se vê também em Cecília Meireles), poderia ter sido contornado, se a poetisa houvesse seguido, na íntegra, o conselho de Mário de Andrade nessa teorização de seu “Prefácio interessantíssimo”, de *Pauliceia desvairada*: “A inspiração é fugaz, violenta. Qualquer empecilho a perturba e mesmo emudece. Arte, que, somada a Lirismo, dá Poesia, não consiste em prejudicar a doida carreira do estado lírico para avisá-lo das pedras e cercas de arame do caminho. Deixe que tropece, caia e se fira. Arte é mondar mais tarde o poema de repetições fastientas, de sentimentalidades românticas, de pormenores inúteis ou inexpressivos”. Dificilmente se veem em Cora Coralina as chamadas “sentimentalidades românticas”. O mesmo não se pode dizer dos “pormenores”, tal como ocorre em “Ode às muletas”, poema que teria sido uma peça perfeita, se dela a poetisa houvesse omitido os pormenores visivelmente circunstanciais. Quando fala de seu método de compor, percebemos que Cora segue a primeira fase do processo anunciada por Mário de Andrade. Nem sempre esteve atenta à segunda, embora, como autodidata, tenha concebido poemas que se teriam orgulhado de os subscrever muitos conceituados acadêmicos.

Ela afirma, em entrevista, que foi proibida de publicar pelo marido. Isto era comum à época e até famosos escritores já haviam dado o exemplo, aliás herdado da Grécia Antiga. Péricles, o democrata que sonhava com a igualdade entre os homens (?), cinco séculos antes de Cristo, no chamado “Século de Ouro da Grécia”, que levou o seu próprio nome, já dizia: “A glória maior da mulher é não ser falada”. E, diga-se de passagem, pensamento homologado pela própria Bíblia cristã, nas palavras de Paulo. Olavo Bilac havia feito o mesmo com a noiva Amélia de Oliveira, irmã de Alberto de Oliveira, censurando-a pela ideia de publicar versos (sua obra é póstuma) e cita-lhe uma frase de Ramalho Ortigão, verdadeiro decalque daquela de Péricles, dizendo-lhe que era “uma das maiores verdades” que ele já havia lido: “O primeiro dever de uma mulher honesta é não ser conhecida”. Honestidade estava, portanto, atrelada à ideia de anonimato. E o que mais desejava, afirma Cora Coralina, era isto: “escrever para o público, escrever para ser lida, criticada, elogiada e, mais do que tudo isso, corrigida e ensinada”. Como ela própria declarou em entrevista gravada, jamais teve “um guia”. Cremos que foi longe demais em seu ofício literário.

A crítica, em Goiás, após a estreia de Cora Coralina em 1965, naturalmente muito antes de ela ser proclamada por Drummond, em 1980, como a pessoa mais importante de nosso estado (a partir de quando o que se ouviu foi o silêncio), fez restrições ao tom lírico narrativo de seus poemas. Quase todos os críticos, quando não lhe torciam o nariz, batiam na mesma tecla: “é mais prosadora do que poeta”. Talvez lhes faltasse, àquele momento, algum conhecimento teórico.

Um pouco antes desse tempo, no início da segunda metade do século XX, Emil Staiger já havia enriquecido o pensamento crítico com a sua teoria, defendendo a ideia da prevalência dos traços estilísticos dos gêneros e legitimando suas intercomunicações. Em seus *Conceitos fundamentais da poética*, defendia, intransigentemente, a tese da inexistência de uma obra puramente lírica, épica ou dramática. Mais precisamente, dizia ele já na introdução de seu trabalho:

*Não vamos [...] concluir que possa existir em parte alguma uma obra que seja puramente lírica, épica ou dramática. [...] qualquer obra autêntica participa, em diferentes graus e modos dos três gêneros literários.*

E, no epílogo deste seu livro, assim se pronuncia:

*Não “puramente lírico” não significa absolutamente que o lírico esteja misturado com lama e imundícies, mas que além do lírico podem-se pressentir outras características essenciais. E não poderia ser que uma obra poética seja tão mais perfeita, quanto mais intrinsecamente relacionados estejam os elementos líricos, épicos e dramáticos que a impregnam?*

Finalmente, para fechar de vez aquela questão já exposta no prólogo, ele vem com este xeque-mate:

*Apenas chamo a atenção para um ponto: uma obra exclusivamente lírica, exclusivamente épica ou exclusivamente dramática é absolutamente inconcebível; toda obra poética participa em maior ou menor escala de todos os gêneros e apenas em função de sua maior ou menor participação, designamo-la lírica, épica ou dramática.*

Ecléticos, como a própria autora, vários são os poemas de Cora Coralina abertos à intromissão de outros gêneros. Em alguns, como é o caso de “Estória do aparelho azul-pombinho” e “O prato azul-pombinho”, fundem-se o épico e o lírico de tal forma que poderiam ser classificados como verdadeiros epilíricos. Muitos já se prestaram a encenações dramáticas, efetuadas por alunos e professores do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás ou por grupos de teatro, mesmo, e cada vez mais, fora de Goiás. Seu plurissignificativo “As tranças da Maria” também já inspirou um filme homônimo. Mas o que importa: do cerne de seus poemas, exala sempre o aroma da mais lídima poesia.

Excluindo conhecidas manifestações no Neoclassicismo, no próprio Romantismo e, até mesmo, no Parnasianismo, é a partir da década de 30 (sem nos esquecer também de altos representantes do Modernismo brasileiro, como, entre outros, é o caso do próprio Manuel Bandeira e seu poema “Infância”, de *Belo belo*) que se nota mais nitidamente, na poesia brasileira, uma tendência para um certo épico ou epilírico. Basta lembrar Cecília Meireles e o *Romanceiro da Inconfidência*, entre outras obras ou poemas no gênero que concebeu. Antes dela, houve naturalmente, mencionando apenas dois nomes, Cassiano Ricardo e seu *Martim-Cererê*; Raul Bopp e *Cobra Norato*. Da geração de 45, nessa linha deve ser lembrado, entre outros, João Cabral de Melo Neto e *Morte e vida severina*. Mas a grande explosão dessa modalidade lírica vai acontecer com a Geração 60, coincidentemente o momento de estreia da autora, sem querer com isto afirmar que a ela pertencesse ou que tivesse, a rigor, tomado conhecimento da estética dessa geração. Vários integrantes da Geração 60 poderiam ser citados como cultores dessa modalidade lírica, como é o caso de Marcus Accioly (com *Sísifo*); Carlos Nejar, com mais de uma obra, incluindo sua recente *Carta aos loucos*; Fernando Py, com seu *Antiuniverso*. Enfim, não foram poucos os poetas que produziram obras inteiras dentro da linha de imbricamento anunciada.

O crítico e poeta Pedro Lyra, em sua obra *Sincretismo: geração 60*, em que esquadrinha ou disseca esse momento de nossa literatura, fala claramente de um

segmento épico dentro de tal geração. Ele capta a tríplice diversidade estilístico-temática da poesia da Geração-60: “a tradição discursiva, o semioticismo vanguardista e a variante alternativa”. E também aponta, no primeiro segmento, ou seja, naquele da tradição discursiva, “quatro grandes vertentes: a herança lírica, o protesto social, a explosão épica e a convicção metapoética”.

Cora Coralina, ou porque era esse o momento de sua estreia literária, ou porque convivia com integrantes dessa geração em Goiás, lendo suas obras e até mesmo convivendo com eles, apresenta características desse segmento da tradição discursiva (ou poderia tê-las reforçado em sua poesia), mesclando, no entanto, duas vertentes: a herança lírica e a manifestação épica. Com a mobilidade própria de Cora Coralina, ela flui, com frequência, também para a vertente de compromisso social e, até mesmo, chega a molhar suas mãos líricas na vertente metapoética, sem, como era de se esperar, demonstrar a convicção de um virtuose no ofício.

Guardadas as devidas proporções, há aqui mais um ponto de contato entre Cora Coralina e Manuel Bandeira. Ele afirma, em *Itinerário de Pasárgada*, que jamais comporia à maneira de Valéry, ou seja, com aquele máximo de consciência possível. Tinha preferência pelo que lhe “saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alumbramento”. Igualmente, em seu poema metalinguístico, “O poeta e a poesia”, de *Vintém de cobre*, a poetisa goiana afirma algo que nos lembra a teoria de Platão acerca do ato criador. Fala do poeta como um possesso ou possuído pelas musas, o mesmo *furor animi* do neoplatonismo de que, em outras palavras, nos fala Bandeira. Ela inicia o poema dizendo: “Não é o poeta que cria a poesia. / E sim, a poesia que condiciona o poeta”. E na terceira estrofe afirma: “Poeta, não somente o que escreve./ É aquele que sente a poesia”. *Sente*, aqui, parece assumir o peso de sucumbir à poesia. Ainda, em “Cora Coralina, quem é você?”, ela declara: “Não escrevo jamais de forma / consciente [...] e sim / impelida por um impulso incontrollável”. Se isto lhe causa, às vezes, alguns prejuízos já revelados, nos quais devemos incluir esporadicamente o próprio ritmo, sua prodigiosa intuição a conduz também à capacidade de contenção lírica, a notáveis efeitos de rimas ocasionais (internas ou não) e a admiráveis assonâncias. O poema “A flor” é um belo exemplo de sucesso estético.

Nascida no crepúsculo do século XIX, Cora Coralina foi, de fato, coetânea de vários integrantes da geração de 22, dos quais citaremos apenas os expoentes Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade. Ela declarou, mais de uma vez, em entrevistas e depoimentos preservados por meio magnético, que só foi capaz de fazer poesia depois das conquistas dos modernistas, da adoção do verso livre. No entanto deixa claro, em duas entrevistas, que, embora morasse no estado de São Paulo, à época, não acompanhou esse movimento, a não ser pelos jornais. Mas o que interessa: a poesia de Cora Coralina assumiu a cor local, adotou o tom coloquial que se buscou e um nacionalismo jamais simplório. E foi além, construindo, às vezes, metáforas próprias de um virtuose, como se pode ver em *Vintém de cobre*, no poema “Meu vintém perdido”: “ao fundo o relâmpago longínquo de uma certeza”. E, na mesma obra, no belíssimo “A gleba me transfigura”, estes versos metalinguísticos, que terminam sinestésicos, de uma imagética invejável: “Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e/ peso de machado./ Cheiro de currais e gosto de terra”. Pode-se acreditar que esta mulher cursou apenas alguns anos do Ensino Fundamental?

Sendo “da geração de Leodegária de Jesus e companheira de Joaquim Bonifácio”, Cora Coralina é considerada por A. G. Ramos Jubé “um caso singular

dentro da literatura goiana”. Não pelas mesmas razões, nós a consideramos também. De fato, “nasceu antes do tempo”, como diz a poetisa em um de seus poemas. E, talvez por isso, floresceu tardiamente. Sua estreia acontece em 1965, ao tempo da geração 60. E embora essa estreia se desse aos 76 anos de idade, a poetisa goiana não deixa de apresentar um conjunto de traços de expressão e até mesmo de substância (outro critério igualmente válido apontado por Pedro Lyra) que, de modo claro, compartilha com integrantes de tal geração, mesmo sem ter pertencido a ela. Deixando de lado as raras manifestações metalinguísticas, não se pode negar que ela, visivelmente, partilha com vários poetas dessa geração a expressão do épico e do poema engajado em sua poesia.

Sua longevidade e estreia extremamente tardia, a absorção de códigos estéticos ao longo do tempo muito dilatado em que viveu, dificultam o seu enquadramento geracional, o que também não representa nenhum problema. Muitos nomes importantes não pertencem a nenhuma constelação dentro da literatura brasileira. Antes, figuram isolados, como estrelas solitárias. Cora Coralina, de fato, não está com os dois pés lá no Modernismo brasileiro, de que muito se beneficiou, e nem nessa geração que coincide com a sua estreia. E muito menos pode ser recuada para o tempo de sua coetânea, amiga fiel e companheira Leodegária; ou, menos ainda, postada ao lado do romântico Joaquim Bonifácio, das inesquecíveis “Noites goianas”.

Como uma singela sempre-viva, atravessou quase um século no anonimato, mas sempre viva. Ela nos lembra, de fato, o seu belíssimo poema “A flor”, repassado de lirismo e acordes bíblicos, que é um símbolo (ainda não notado) de si mesma. Figura ele todo o longo processo de gestação literária da poetisa goiana, culminando com a explosão magnífica daquele bulbo ressequido, “apanhado num monte de entulho de lixeira”. Agora, em verdade, “Na haste/ hierática e vertical / pompeia. / Sobe para a luz e para o alto/ a flor...”, que é Cora Coralina. De repente, desse bulbo ressequido explodem seus “quatro lírios [...] apontando os pontos cardeais/ no ápice da haste”. É a *Hemerocallis* Cora Coralina, batizada no sul do País. Gesto sensível de um pesquisador. “Quatro lírios” coralinos apontam para os quatro “pontos cardeais” de nosso país, indo muito além dos limites goianos, impondo o nome da poetisa. Não depende dela e nem de nós: Cora dos Goias esplende agora, não mais na solidão de seu “aquém-Paranaíba”. Isto já não lhe basta. Ela resplandece no universo dilatado da poesia brasileira, e já força passagem. Não se pode mais dizer: este é o seu lugar.

*Darcy França Denófrio*

---

1 Não há consenso sobre esta questão. Há livros ou artigos que falam em dois anos e outros, em três. Cora dizia que estudou dois livros, talvez eliminando o ano de alfabetização.

# POEMAS

# NOS REINOS DE GOIÁS

*Era assim no antigamente,  
naqueles velhos reinos de Goiás.*

# MINHA CIDADE

Goiás, minha cidade...  
Eu sou aquela amorosa  
de tuas ruas estreitas,  
curtas,  
indecisas,  
entrando,  
saindo  
uma das outras.  
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher  
que ficou velha,  
esquecida,  
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,  
contando estórias,  
fazendo adivinhação.  
Cantando teu passado.  
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas  
e sobrados  
e telhados  
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro  
verde de avencas  
onde se debruça  
um antigo jasmineiro,  
cheiroso  
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas  
encostadas  
cochichando umas com as outras.  
Eu sou a ramada  
dessas árvores,  
sem nome e sem valia,  
sem flores e sem frutos,  
de que gostam  
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule  
dessas trepadeiras sem classe,  
nascidas na frincha das pedras.



Bravias.  
Renitentes.  
Indomáveis.  
Cortadas.  
Maltratadas.  
Pisadas.  
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,  
revestidos,  
enflorados,  
lascados a machado,  
lanhados, lacerados.  
Queimados pelo fogo.  
Pastados.  
Calcinados  
e renascidos.  
Minha vida,  
meus sentidos,  
minha estética,  
todas as vibrações  
de minha sensibilidade de mulher,  
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia  
da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.

## ESTÓRIA DO APARELHO AZUL-POMBINHO

Minha bisavó – que Deus a tenha em bom lugar –  
inspirada no passado  
sempre tinha o que contar.  
Velhas tradições. Casos de assombração.  
Costumes antigos. Usanças de outros tempos.  
Cenas da escravidão.  
Cronologia superada  
onde havia banguês.  
Mucamas e cadeirinhas.  
Rodas e teares. Ouro em profusão,  
posto a secar em couro de boi.  
Crioulinho vigiando de vara na mão  
pra galinha não ciscar.  
Romanceiro. Estórias avoengas...  
Por sinal que uma delas embalou minha infância.

Era a estória de um aparelho de jantar  
que tinha sido encomendado de Goiás  
através de uma rede de correspondentes  
como era de norma, naquele tempo.  
Encomenda levada numa carta  
em nobre estilo amistoso-comercial.  
Bem notada. Fechada com obreia preta.

Carta que foi entregue de mão própria  
ao correspondente na Corte,  
que tinha morada e loja de ferragem  
na Rua do Sabão.  
O considerado lusitano – metódico e pontual –,  
a passou para Lisboa.  
Lisboa passou para Luanda.  
Luanda no usual  
passou para Macau.  
Macau se entendeu com mercadores chineses.

E um fabricante-loiceiro,  
artesão de Cantão,  
laborou o prodígio (no dizer de minha bisavó).

Um aparelho de jantar – 92 peças.  
Enorme. Pesado, lendário.  
Pintado, estoriado, versejado,  
de loiça azul-pombinho.

Encomenda de um senhor cônego  
de Goiás  
para o casamento de seu sobrinho e afilhado  
com uma filha de minha bisavó.

O cônego-tio e padrinho  
pelo visto, relatado,  
fazia gosto naquele matrimônio.  
E o aparelho era para as bodas contratadas.  
Um carro de boi –  
15 juntas, 30 bois –  
bem fornido e rejuntado  
para viagem longa,  
partiu de Goiás, no século passado,  
do meado, pouco mais.  
Levava seis escravos escolhidos  
e um feitor de confiança.  
Mantimentos para a viagem.  
E mais, oitavas de ouro,  
disfarçadas no fundo de um berrante,  
para os imprevistos da delonga.

E o antigo carro  
por ano e meio quase  
rodou, sulcou, cantou e levantou poeira  
rechinando  
por caminhos e atalhos,  
vilas e cidades, campos, sarobais.  
Atravessou rios em balsas.  
Vadeou lameiros, tremedais.  
Varou Goiás – fim de mundo.  
Cortou o sertão de Minas.  
O planalto de São Paulo.

Foi receber o aparelho e mais sedas e xailes da índia  
em Caçapava –  
ponta dos trilhos da Dão Pedro Segundo –  
ali por volta de 1860 e tantos.  
Durou essa viagem, ir e voltar,  
dezesseis meses e vinte e dois dias.  
– As bodas em suspenso.

Enquanto se esperava, escravas de dentro  
fiavam na roda e urdiam no tear.  
Mucamas compenetradas, mestreadas por rica-dona,  
sentadas nas esteiras, nos estrados de costura,  
desfiavam, bordavam, crivavam,  
repolegavam  
o bragal de minha avó.  
Sinhazinha de catorze anos – fermosura.

Prendada. Faceira.  
Muito certa na Doutrina.  
Entendida do governo de uma casa  
e analfabeta.  
Diziam os antigos educadores:  
“- Mulher saber ler e escrever não é virtude”.

Afinal, muito esperado,  
chegou a Goiás, sem novidades ou peça quebrada,  
o aparelho encomendado  
através de uma rede de correspondentes.  
Embarcado num veleiro,  
no porto de Macau.

As bodas marcadas  
se fizeram com aparato.  
Fartas comezainas.  
Vinho de Espinho – Portugal –  
da parte do correspondente.  
Aparelhos de loiça da China.  
Faqueiros e salvas de prata.  
Compoteiras e copos de cristal.  
Na sobremesa, minha bisavó exultava...  
Figurava uma pinha de ilusão.

Toda ela de cartuchos de papel verde calandrado,  
cheios de confeitos de ouro em filigrana.  
Mimo aos convidados graduados:  
Governador da Província.  
Cônegos, Monsenhores, Padres-mestres,  
Capitão-mor.  
Brigadeiros. Comendadores.  
Juizes e Provedores.  
Muita pompa e toda parentela.  
Por amor e grandeza desse fasto  
– casamento da sinhazinha Honória  
com o sinhô-moço Joaquim Luís –  
dois velhos escravos, já pintando,  
receberam chorando  
suas cartas de alforria.

Ficou mais, assentado e prometido  
em palavra de rei testemunhado,  
que o crioulinho  
que viesse ao mundo  
com o primogênito do casal  
seria forro sem tardança na pia batismal.

E se criaria em regalia  
com o senhorzinho,  
nato fosse ele, em hora e dia.

Um rebento do casal veio ao mundo  
no fim de nove meses.  
E na senzala do quintal  
nascia de uma escrava  
um crioulinho.  
Conforme o prometido – libertado  
alforriado  
na pia batismal.

(Na pia batismal, era, naquele tempo,  
forma legal e usual de se alforriar um escravo).  
Toda essa estória  
por via de um aparelho de loiça da China,  
destinado a Goiás.  
Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.  
Embarcado num veleiro  
no porto de Macau.

Cartas com obreias.  
Correspondentes antigos.  
Cartuchos de confeitos de ouro.  
Alforria de escravos.  
Bodas de meu avô.  
Bragal de minha avó.  
Roda e tear, marafundas e repolegos.  
Coisas do passado...  
E – dizia minha bisavó –  
tudo se deu como o contado.

*image  
not  
available*

que, em raros dias de cerimônia  
ou festas do Divino,  
figurava na mesa em grande pompa,  
carregado de doces secos, variados,  
muito finos,  
encimados por uma coroa  
alvacenta e macia  
de cocadas de fita.

Às vezes, ia de empréstimo  
à casa da boa tia Nhorita.  
E era certo no centro da mesa  
de aniversário, com sua montanha  
de empadas, bem tostadas.  
No dia seguinte, voltava,  
conduzido por um portador  
que era sempre o Abdênago, preto de valor,  
de alta e mútua confiança.

Voltava com muito-obrigados  
e, melhor – cheinho  
de doces e salgados.  
Tornava a relíquia para o relicário  
que no caso era um grande e velho armário,  
alto e bem fechado.  
– “Cuidado com o prato azul-pombinho” –  
dizia minha bisavó,  
cada vez que o punha de lado.

Um dia, por azar,  
sem se saber, sem se esperar,  
artes do salta-caminho,  
partes do capeta,  
fora de seu lugar, apareceu quebrado,  
feito em pedaços – sim senhor –  
o prato azul-pombinho.  
Foi um espanto. Um torvelinho.  
Exclamações. Histeria coletiva.  
Um deus nos acuda. Um rebuliço.  
Quem foi, quem não foi?...

O pessoal da casa se assanhava.  
Cada qual jurava por si.  
Achava seus bons álibis.  
Punia pelos outros.  
Se defendia com energia.  
Minha bisavó teve “aquela coisa”.  
(Ela sempre tinha “aquela coisa” em casos tais.)  
Sobreveio o flato.  
Arrotando alto, por fim, até chorou...

*image  
not  
available*



Quem se esquece?

Padre Vicente José Vieira.  
D. Irena Manso Serradourada.  
D. Virgínia Vieira  
– grande dama de outros tempos.  
Flor de distinção e nobreza  
na heráldica da cidade.  
Benjamim Vieira,  
Rodolfo Luz Vieira,  
Ludugero,  
Ângela,  
Débora, Maria...  
tão distante a gente do sobrado...

Bailes e saraus antigos.  
Cortesia. Sociedade goiana.  
Senhoras e cavalheiros...  
– tão desusados...

O Passado...

A escadaria de patamares  
vai subindo... subindo...  
Portas no alto.  
À direita. À esquerda.  
Se abrindo, familiares.

Salas. Antigos canapés.  
Cadeiras em ordem.  
Pelos paredes forradas de papel,  
desenho de querubins, segurando  
cornucópia e laços.  
Retratos de antepassados,  
solenes, empertigados.  
Gente de dantes.

Grandes espelhos de cristal,  
emoldurados de veludo negro.  
Velhas credências torneadas  
sustentando  
jarrões pesados.  
Antigas flores  
de que ninguém mais fala!  
Rosa cheirosa de Alexandria.  
Sempre-viva. Cravinas.  
Damas-entre-verdes.  
Jasmim-do-cabo. Resedá.  
Um aroma esquecido  
– manjerona.

(Reentra, salienta, cai, não cai,  
entorta, endireita,  
embarriga, reboja, corcoveia...  
Cai não.  
Tem sapatas de pedras garantindo).

Vivem perrengando  
de velhas velhices crônicas.  
Pertencem a velhas donas  
que não se esquecem de os retelhar  
de vez em quando.  
E esconjuram quando se fala  
em vender o fundo do quintal,  
fazer casa nova, melhorar.  
E quando as velhas donas morrem centenárias  
os descendentes também já são velhinhos.  
Herdeiros da tradição  
– muros retelhados. Portões fechados.

Na velhice dos muros de Goiás  
o tempo planta avencas.

Monturo:  
espólio da economia da cidade.  
Badulaques:  
Sapatos velhos. Velhas bacias.  
Velhos potes, panelas, balaios, gamelas,  
e outras furadas serventias  
vêm dar ali.

Não há nada que dure mais do que um sapato velho  
jogado fora.  
Fica sempre carcomido,  
ressecado, embodocado,  
saliente por cima dos monturos.  
Quanto tempo!  
Que de chuva, que de sol,  
que de esforço, constante, invisível,  
material, atuante,  
silencioso, dia e noite,  
precisará de um calçado, no lixo,  
para se decompor absolutamente,  
se desintegrar quimicamente  
em transformações de humo criador?...

Às vezes, um vadio,  
malvado ou caridoso,  
põe fogo no monturo.  
Fogo vagaroso, rastejante.  
Marcado pela fumaceira conhecida.  
Fumaça de monturo.

Brinco de cabacinha nas orelhas.  
Conceição maciça, pendurada.  
Bentinhos escondidos no seio.  
Saia escura, rodada, se arrastando.  
Paletó branco de morim, muito engomado.  
Chinelas cara-de-gato, nos pés,  
largos, pranchados, reumáticos.

Bate na porta do meio...  
– “Dá licença, Nhãnhã?...” – “Vai entrando...”  
– “Suscristo...” – Entrega as flores.  
– “Nhã, D. Breginata mandou essas fulô  
do quintar dela,  
mandou falá  
se vassuncê cunsente qui Nhanhá Sinhaninha  
vai passá o dia santo damenhã  
cum Sinhá Lili...”  
– “Que vassuncê num sincomode.  
Que au de noite, au depois da purcissão  
ela vem trazê...”  
– “É pra passá o dia inteirinho...  
Inhá Lili mandou pidi”.

Lá dentro, consultas demoradas,  
Depois: – “Sim... Pois não...  
Sinhazinha vai com muito gosto.  
Fala pra D. Breginata pra abri o portão  
que Sinhazinha vai ao depois da missa da madrugada”.

Estas e outras visitas se faziam  
passando pelo portão.  
Andar pelas ruas. Atravessar pontes e largos,  
as moças daquele tempo eram muito acanhadas.  
Tinham vergonha de ser vistas de “todo o mundo”...

“Todo o mundo...”  
Expressão pejorativa muito expressiva.  
Muito goiana. Muito Brasil  
colonial, imperial, republicano.

Era comum portador com este recado:  
– “Vai lá na prima Iaiá, fala pra ela  
mandar abrir o portão, depois do almoço,  
que vou fazer visita pra ela...”

Costume estabelecido.  
Levar buquê de flores.  
Dar lembrança, dar recado.  
Visitas com aviso prévio.  
Mulheres entrarem pelo portão.  
Saírem pelo portão.

Ribombos no tabuado.  
Ameaçar inútil.  
Coice. Chifres entrechocantes.  
Traseiros esbarrondando.  
Grades lameadas. Gaiolas esterçadas, respingantes.

... e o boi que se deita exausto...  
Exaustos, esfomeados, sedentos, engaiolados,  
cansados.  
Estradas de ferro ronceiras.  
Longas viagens demoradas,  
rotineiras.  
Composição parada nos desvios – tempo  
aguardando horário, partida, sinal...  
Bandeira verde, apito...

Eu vi  
o boi deitado, exausto.  
Pisado. Mijado. Sujo. Escoiceado.  
Quartos encolhidos. Juntas dobradas. Cabo inerte.  
Olhar vidrado.  
Vencido.

Encosta na paleta a cabeçorra enorme.  
Começa a morrer.  
Morre devagar... dias, noites...  
Arrancos inúteis.  
Mugido parco. Lúgubre...  
Estrebuchar de agonia.

Emporcalhado – estira os quartos.  
Alonga o pescoço. Encomprida o cabo.  
Língua de fora, de lado.  
Olhos abertos. Vidrados.  
Morre o boi.  
Olhos abertos, vidrados  
vendo – o pasto verde,  
o barreiro salitrado, a aguada fria, cantante,  
distante...

Eu vi  
a alma do boi pastando, lambendo, bebendo,  
nas invernadas do Céu.  
Eu vi – de verdade –  
a alma do boi – boizinho pequenino,  
entrando, deitando alegrinho  
na lapinha de Belém.

Tem a moça Salma, humana e linda, flor da cidade,  
luz da sociedade goiana, ela preza Maria e fala  
como fala a generosidade das jovens: Maria me contava estórias,  
quando eu era pequena.  
Fui carregada nos braços da Maria.

Meus filhos e netos quando chegam perguntam:  
“E Maria, ainda dorme aqui?”  
Todos gostam de Maria, e eu também.

Estas coisas dos Reinos  
da  
cidade de Goiás.

E a moleirona, pandorga, perna-mole  
se levantava com seu próprio esforço.

Meus brinquedos...  
Coquilhos de palmeira.  
Bonecas de pano.  
Caquinhos de louça.  
Cavalinhos de forquilha.  
Viagens infundáveis...  
Meu mundo imaginário  
mesclado à realidade.

E a casa me cortava: “menina inzoneira!”  
Companhia indesejável – sempre pronta  
a sair com minhas irmãs,  
era de ver as arrelias  
e as tramas que faziam  
para saírem juntas  
e me deixarem sozinha,  
sempre em casa.

A rua... a rua!...  
(Atração lúdica, anseio vivo da criança,  
mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)  
– proibida às meninas do meu tempo.  
Rígidos preconceitos familiares,  
normas abusivas de educação  
– emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,  
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,  
eu via por um vidro quebrado, da vidraça  
empanada.

Na quietude sepulcral da casa,  
era proibida, incomodava, a fala alta,  
a risada franca, o grito espontâneo,  
a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação... Comportamento estreito,  
limitando, estreitando exuberâncias,  
pisando sensibilidades.  
A gesta dentro de mim...  
Um mundo heroico, sublimado,  
superposto, insuspeitado,  
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a gestação,  
acrimoniosa repisava:  
“– Menina inzoneira!”  
O sinapismo do ablativo

Ai, meu Deus! e como custava chegar...  
Virá! Virá!... Virá virá... quando?  
E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,  
e a roda-da-vida rodando... Virá-irá!  
A gente ali, na estaca, amarrada, consumida  
de Maria Borradeira, sem madrinha-fada,  
sem sapatinho perdido,  
sem arauto de príncipe-rei, a procurar  
pelos reinos da cidade de Goiás  
o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,  
caído na correria da volta.

A igreja, refúgio e confessionário antigo.  
O frade, velho e cansado. Frei Germano, piedoso,  
exortando paciente e severo. “Minha filha, a virgindade  
é um estado agradável aos olhos de Deus. Olha as santas virgens,  
Santa Terezinha de Jesus, Santa Clara, Santa Cecília,  
Santa Maria Mãe de Jesus. Deus dá uma proteção especial às virgens.  
Reza três ave-marias e uma salve rainha a Nossa Senhora e vai comungar”.

A gente saía confortada, ouvia a missa,  
cumpria a penitência e comungava humildemente, ajoelhada,  
véu na cabeça em modéstia reforçada.

Depois, depois, a solidão de solteira, o sonho honesto de um noivo,  
o desejo de filhos,  
presença de homem, casa da gente mesma, dona ser. Um lar.  
Estado de casada.

A pobreza em toda volta, a luta obscura  
de todas as mulheres goianas. No pilão, no tacho,  
fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar.  
Aceso sempre o forno de barro.  
As quitandas de salvação, carreando pelos taboleiros  
os abençoados vinténs, tão valedores, indispensáveis.  
Eram as costuras trabalhadas,  
os desfiados, os crivos pacientes.  
A reforma do velho, o aproveitamento dos retalhos.  
Os bordados caprichados, os remendos instituídos,  
os cerzidos pacientes...  
Tudo economizado, aproveitado.  
Tudo ajudava a pobreza daquela classe média, coagida, forçada  
a manter as aparências de decência, compostura, preconceito,  
sustentáculos da pobreza disfarçada.  
Classe média do após treze de maio.  
Geração ponte, eu fui, posso contar.

O poço d'água, a maravilhosa servidão da casa.  
Toda a família na dependência do poço, da corda, do balde.  
A água lá no fundo, cisterna, também chamada.  
Um dia, dia incerto e já previsto o desastre, o transtorno.

## LAMPIÃO, MARIA BONITA... E ANINHA

Tenho na parede de minha sala um pôster de Lampião, Maria Bonita e cangaceiros. Sempre desejei um retrato de Lampião.

[...]

Acontece que sou filha de pai nascido na Paraíba do Norte e de mãe goiana.

Assim, fui repartida.

Da parte materna, sou mulher goiana, descendente de portugueses.

Do lado paterno, minha metade nordestina, eu um pouco cangaceira.

Daí, Lampião, Maria Bonita, seus cabras e o padrinho Cícero na parede da minha casa, com muito agrado.

Filha de mãe goiana.

Meu pai nordestino.

Está na pedra do seu túmulo, no velho São Miguel.

Nascido na Paraíba do Norte. Areia.

Meu Pai me trazia nos seus alforjes.

Minha mãe me trazia nos seus secretos embriões.

E um dia... um dia houve.

[...]

Do paterno sou mulher rendeira,

sentada na esteira,

minha perna encolhida, minha perna dobrada,

minha perna estirada.

Minha saia sungada, minha coxa de fora

batendo meus bilros,

tecendo, marcando pontos

de uma renda do norte, uma renda sem fim.

A dura almofada, redonda sem cor.

Sua amostra pregada, alfinetada.

Espinhos agudos de mandacaru.

Minha renda rendendo, dobrada, estirada, enrolada.

Meus sonhos desenrolados

e a dança cantada dos bilros,

trocando, batendo, cantando

uma dança de sonhos.

Meu homem lá na labuta...

na baixa, furando a terra.

Afundando a cacimba

buscando água.

O cabrinha rente



Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa.  
– Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...  
A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,  
e, receosa de piores consequências, me mandou pra casa, toda mijada,  
sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo.

Em casa ganhei umas admoestações sensatas.  
A metade compadecida de uma bolacha das reservas de minha bisavó,  
e me valeu a biquinha d'água, o alívio à minha mão escaldada.  
Ao meu soluçar respondia a casa: “é pra o seu bem, pra ocê aprender,  
senão não aprende, fica burra, só servindo pro pilão”.  
Sei que todo castigo que me davam era para meu bem.  
Eu não sabia que bem seria este representado por bolos na mão,  
chineladas e reprimendas, sentada de castigo com a carta de ABC na mão.  
O bem que eu entendia era a bolacha que me dava minha bisavó  
e os biscoitos e brevidade da tia Nhorita.  
Estes, entravam no meu entendimento. Do resto não tinha nenhuma noção.

Fui menina chorona, enjoada, moleirona.  
Depois, inzoneira, malina.  
Depois, exibida. *Detraquê*.  
Até em francês eu fui marcada.  
Sim, que aquela gente do passado,  
tinha sempre à mão o seu francês.

Se souberes viver, no fim te sentirás feliz.  
Envelhecer é entrar no reino da grande Paz.  
Serenidade maior.  
Olhar para frente e para trás,  
e dizer: dever cumprido.

O que mais se pode na vida desejar?...  
Sentada na margem do caminho percorrido,  
ver os que passam, ansiosos, correndo, tropeçando.  
E dizer baixinho:  
corri tanto quanto você.  
E você se quedará, um dia, como eu.

A certeza de ter vivido e vencido  
a maratona da vida.

#### No Passado

tanta coisa me faltou.  
Tanta coisa desejei sem alcançar.  
Hoje, nada me falta,  
me faltando sempre o que não tive.

Eu era uma pobre menina mal-amada.  
Frustréi as esperanças de minha mãe, desde o meu nascimento.  
Ela esperava e desejava um filho homem, vendo meu pai doente  
irreversível.

E a notinha dobrada, escondida, pronta a acudir a precisão.  
Meu Deus! debaixo da cama tinha um mundo de guardados esquecidos.  
Imprestáveis, intocáveis, eternizados.  
Era um depósito, e que ninguém bulisse naquilo.

Meu vestido branco de damacê... desenhos lavrados no tecido,  
flores, figuras geométricas, até passarinho.  
Pala, babado de bordado.  
Fita azul no ombro, vestido pregado, refogado,  
pra descer quando crescer. Laçarote na cintura,  
borzequim novo chiente de amarrar.  
Sofia Martins, costureira por intuição, recém-casada,  
vizinha, praticou o primor.

Era o Crisma, o último cerimonial pelo bispo, Dom Eduardo Duarte da Silva.  
Saía de Goiás, aborrecido, para não mais retornar.  
Minha madrinha – Mestra Silvina.  
Eu, faceira, cabelo solto, amarrado com fita azul,  
repuxado para trás.  
Queria penteado diferente, coisa linda.  
Via com as outras. Não podia. Meu cabelo não dava.  
Pouco, liso e fino – herança de meu pai.  
Tudo que não alcancei na vida, devo ao meu cabelo...  
liso, pouco, fino, nunca deu penteado de moda.  
Daí meus fracassos e derrotas.  
Pouco, liso e fino – herança de meu pai.  
Carreguei sempre esta herança paterna.  
Vida de criança...  
Vidinha de Aninha, a mal-amada, a mal-aceita,  
retrato vivo de um velho doente.

Minha irmã Germana, vestido todo fitas e rendas,  
oferecido pela madrinha – Anoca Santa Cruz.  
Anoca Santa Cruz... elegante, viva, alegre, de comunicação  
(diriam hoje).  
Naquele tempo, dada, desembaraçada, espirituosa.  
Liderava a sociedade goiana, era ouvida em organização de festas.  
O Palácio nada fazia, no sentido social, sem ouvi-la.  
Entregava-lhe a direção.  
Inventava, figurinava. Figurinou moda:  
penteado alto, barrete frígio, símbolo republicano recém-implantado.  
Um dia, lançou novidade, nunca vista, sonhada sequer:  
ramo de pimenta malagueta no penteado.

Sei que as pimenteiras foram desganhadas.  
Não sobrou moça na cidade que não tivesse no cabelo,  
seu ramo de pimenta.  
Anoca Santa Cruz foi madrinha de minha irmã.  
Eu, Mestra Silvina, tendo sido mestra de minha mãe,  
estimada, respeitada por ela.

# CRIANÇA NO MEU TEMPO

*A criança faltosa, inconsciente,  
apanhada, destruída.*

*Ré... ré... ré... de crimes sem perdão.  
E eles, enormes, gigantescos, poderosos,  
donos de todas as varas, aplaudidos.*

De manhã cedo  
quando acordava,  
estremunhada,  
com a boca amarga,  
– ai de mim –  
via com tristeza,  
sobre a mesa:  
xícaras sujas de café,  
pontas queimadas de cigarro.  
O prato vazio, onde esteve o bolo,  
e um cheiro enjoado de rapé.

sentiu na mão uma coisa gosmenta. Parou, largou.

“O que foi?” Um ovo de galinha, quebrado, estava ali no bolso do Zequinha.

“Taí o vintém. A mulher comprou um bolo e pagou com um ovo, eu botei no bolso e se esqueci. Taí ele”.

A taca já tinha deixado vergão, então a mana, fraternalmente, lascou mais duas tacadas em reforço.

Uma de castigo por ter quebrado o ovo e outra “pra d’outra vez” não se esquecer.

Tempo Velho...

Esta ficava enfiada na despensa, no quarto, olhando pelo buraco da  
[fechadura,  
palpitante e risonha, abobalhada e, até mesmo, feliz.

Meninas, não aceitavam delas senão a linguagem corriqueira  
e vulgar da casa.

Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de fora,  
logo a pecha de sabichona, D. Gramática, pernóstica, exibida.

Um dia fui massacrada por ter falado lilás em vez de roxo-claro.

E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas  
leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico.

A gente era vigiada, tinha uns preceitos arrasantes de ridicularizar,  
reduzir e limitar as jovens personalidades,

as pencas de chaves ali enganchadas no cós das saias.

Graças a Deus que os armários e gavetas tiveram seus fechos arreventados  
e toda gente anda farta nestes tempos de carestia,  
arrotando alto, poderia dizer.

Não existe mais o arroto constante do passado nem o mau hálito,  
nem crianças comendo de ração, nem percevejo nas camas, nem disputa  
na mesa pelo osso do frango, nem briga entre irmãs  
pelos restos que os velhos deixavam nos pratos...

Digo sempre: “Jovens, agradeçam a Deus todos os dias  
terem nascido nestes tempos novos...”

## DE COMO ACABOU, EM GOIÁS, O CASTIGO DOS CACOS QUEBRADOS NO PESCOÇO<sup>3</sup>

Foi com a morte da menina Jesuína. Era minha bisavó quem contava. Eu era pequena, ouvia e chorava. Me parecia eu mesma, a pequena da estória.

Havia na cidade, contemporânea de minha bisavó, uma tal de D. Jesuína, senhora apatacada, dona de Teres-Haveres. Sempre encontrada nos velórios, muito solidária com a morte e com os vivos, ali permanecia invariavelmente até que os galos amiudassem. Tinha seus escravos de serviço e de aluguel, entre estes a escrava de dentro, de nome Prudência. Está no completo. Nas medidas exigentes do tempo. Sem preço. Deu a sua Sinhá vários crioulos de valor que mais enricaram a velha dona. No fim veio aquela que tomaria o nome de Rola, afilhada e alforriada na Pia, o que era legal e usado no tempo. Rola teve casamento de capela fechada, dizendo sua condição de moça-virgem.

Não tardou muito por essas e tais razões e sofismas, a se representar hética. Diziam: gálico do marido. Certo que depois de várias vomitações de sangue (hemoptises) que a levaram, deixou no mundo uma menina que a madrinha batizou também com seu próprio nome – Jesuína. A pequena, um fiapo de gente, veio para os braços da avó, trazida pela Sinhá Madrinha. Filha de mãe hética, débil, franzina, foi espigando devagarinho, imperceptivelmente, mamando no seio fecundo da negra avó que fez renascer o seu veio de leite por amor à neta. Certo, ia vivendo e crescendo dentro das regras do tempo velho. Nem escrava, nem forra. Meio a meio em boa disciplina.

Não era má, D. Jesuína, antes de boa justiça, madurona, severa, experiente.

Jesuína encostou-se afinal nos dez anos. Magrinha, grandes olhos de espanto para a vida. Medrosa, obediente, agarrada a sua regalia uma boneca de pano que a madrinha teve a bondade de consentir.

Em qualquer pequena falta, a ameaça: “olha que eu tomo a boneca...” A menina apertava a bruxa no peito magro e se espiritava.

Tinha algumas obrigações. Varria a casa, apanhava o cisco. Lavava umas tantas peças de louça e aprendia a ler. Tinha, nas vagas, sua carta de ABC, sentadinha no canto, tomando propósito.

Dormia numa esteirinha nos pés da grande marquesa de sobrecéu armado, da madrinha. Velhos pedaços de forro eram a cobertura.

A obrigação: de pela manhã descerrar os tampos da janela, apagar a lamparina de azeite, chegar as chinelas nos pés reumáticos da madrinha, apresentar o urinol para os alívios da velha. Regra certa, imutável, consolidada, sem variação. Um chamado – Jesuína, a menina de pé, pedindo a bênção, praticando a obediência.

Aconteceu que um dia a tampa da terrina escapuliu das mãos da menina e escacou. Foi um escarcéu. Dona Jesuína estremeceu em severidades visíveis, e se conteve: “que não fizesse outra...”

sua mesa sempre recoberta de toalha grossa de tear  
marcada com pontos de cruz, pontos de marca, se dizia, sua cama,  
antiga marquesa, de sobrecéu e babados, ela, a velhinha curvada,  
passado no busto um chale de lã de cor indefinida de velhice crônica.  
Agasalho de frio e de calor.

Nos pés, chinelos e meias pretas, saia escura, uma bata clara  
abotoada no pescoço, mangas de punho.

Nas orelhas, uns brincos rebuçadinhos de preto, dizendo luto permanente,  
Eram periodicamente descobertos e de novo recobertos,  
isso, contavam os da casa, desde a morte do marido, já passados muitos anos.

Essa matriarca era de uma saúde admirável  
e não mais se intrometia na direção da casa.

Tinha um pitinho pequenino de barro, feito a capricho pelas paneleiras  
[do lugar.

O fumo era preparado por tia Nhá-Bá, colhido nas hortas. Destaladas,  
murchas as folhas, eram entregues à velha mãe que fazia a torção  
de forma especial, que só ela sabia fazer.

Eram postas para curtir num pequeno varal, num canto remoto do oratório.  
Ela governava aquilo e daquela reserva se fazia com muita ciência  
e pachorra, o torrado de meu avô. Trabalho esse entregue a Nicota.

Daquela bisavó emanava um cheiro indefinido e adocicado  
de folhas murchas a que se misturavam fumo desfiado, cânfora e baunilha.  
Sua sala, onde passava o dia, tinha pelos cantos amarrados,  
murchos, pendurados de folhas diversas: congonha-do-campo,  
arnica da serra, folha-santa, artemísia e gervão, arrancadas  
com as raízes que eram sempre renovadas pelos moradores  
que traziam seus agrados e respeito.

Tudo isso impregnava seus aposentos de um cheiro característico  
e vago que gostávamos de respirar e que, dizia meu avô,  
dava saúde à velha mãe.

Sua comidinha parca era repartida com os gatos  
que ela, com uma vara fina e longa, mantinha em disciplina.  
Sua preocupação constante: saber das horas e se a serra estava encoberta.  
Qualquer resposta que lhe dessem, satisfazia.

Durante o dia eram suas várias caminhadas para a cozinha.  
Acender o pito, ali, alguém tinha que colher  
e assentar na panelinha atochada de fumo uma brasinha minúscula  
que fumaçava agradavelmente. Todos na casa e na fazenda  
lhe pediam a bênção e veneravam a grande anciã.

De noite, frio ou calor, chuva ou relâmpago, trovões,  
céu barrado de estrelas ou lua, clara como o dia,  
vinha para o meio da grande varanda uma telha-vã  
com um braseiro trazido pela Ricarda.

Uma braçada de cavacos ou sabugos de milho das reservas de debaixo  
[da mesa.

Vinha antes o couro de lobo, estendia-se no centro de um antigo canapé  
forrado de sola negra, tacheado de tachas amarelas.



## “Ô DE CASA!”

Havia na roça umas tantas práticas que se cumpriam religiosamente.

Os chegantes: “Ô de casa”. “Ô de fora. Tome chegada, se desapeia”.

O viajante, estranho ou não, descia do animal.

Rebatia o chapéu, tirava, pedia uma parada de um dia ou mais, vinha de longe, de passagem, os animais esfalfados.

Um dia de descanso, um particular com meu avô e dono.

Meu avô fazia entrar, seu escritório, mesa de escrever vasta, recoberta de encerado, duas gavetas, suas chaves sempre esquecidas na fechadura. Um relógio antigo de caixa. Duas malas encouradas, cheias de papéis, antigas cartas amarradas em maços e soltas.

Um óculo de alcance proibido às crianças. Suas armas de caça, patrona, polvarinho, chumbeira, tufos de algodão, espoletas, algumas armas desusadas, outras de uso, penduradas num cabide alto, fora do alcance da meninada.

Ali, o viajante se identificava melhor. Se desarmava, entregava suas armas de cano e de cabo ao dono da casa.

Era preceito social. Meu avô aceitava ou não, conforme o seu conhecimento do visitante. Recolhia numa das gavetas para restituir na saída. De outras, pessoas conhecidas, de conceito, meu avô não consentia que lhe entregassem os ferros. Que ficassem

[com eles,

alta confiança. Recusavam sempre. Pediam a meu avô que os guardasse em confiança e meu avô atendia, mostrava-lhes a gaveta, quando os quisessem, ali estavam.

Também de praxe na partida, na montada, meu avô descia os degraus, segurava o estribo, honra maior concedida a uns tantos em cerimonial competente e rústico, estas coisas... Ajudar também uma senhora a montar no seu cilhão, oferecer-lhe o apoio da mão espalmada e ela, sutil, prática, num leve apoio passava para a sela adequada. Também oferecer-lhe o estribo. Todo este ritual era cumprido com rigor e os jovens, mesmo analfabetos e rústicos, aprendiam e praticavam. Normas de cortesia roceira com seu toque romântico de boas maneiras.

Acontecia à noite, alta noite com chuva, frio ou lua clara, passantes com cargueiros e família darem: “Ô, de casa...”

Meu avô era o primeiro a levantar, abrir a janela:

“Ô de fora... Tome chegada”.

O chefe do comboio se adiantava:

De passagem para o comércio levando cargas, a patroa perrengue, mofina, pedia um encosto até “demenhã”.

Mais, um fecho para os “alimais”.

Meu avô abria a porta, franqueava a casa.

Tia Nhá-Bá, de candeia na mão, procurava a cozinha,

## AS MARAVILHAS DA FAZENDA PARAÍSO

No terreiro rústico da Fazenda Paraíso,  
nos anos da minha adolescência,  
era certa e esperada aquela comunicação anual.  
A volta dos casais de João-de-barro,  
para levantar suas casinhas novas  
nos galhos do grande jenipapeiro.  
Raramente retocavam alguma casa velha  
das muitas que resistiam pelas forquilhas.  
Preferiam fazer novas. Chegavam em alarido,  
gritadores alegres. Gente de casa, dizia rindo meu avô.  
Era o tempo sagrado da reprodução.

Todo o terreiro se alegrava e acompanhava com ternura  
aquela querência, o labor daquelas construções,  
o esforço daqueles passarinhos.  
Nada mais expressivo do que o João-de-barro e sua companheira  
procurarem o rego d'água, amassarem o barro com o bico  
e, com as garrinhas, voarem com as pelotas  
e darem começo à casinha, orientada para o sul,  
trazendo de começo sua divisão interna,  
a camarinha do amor onde renovavam  
e defendiam sua espécie.

Ao amanhecer do dia, eram os primeiros a dar as horas  
e partirem para o trabalho.  
Era aquela matinada. O sol dourando a serrania azul, distante.  
O terreiro serenado. O fogo alegre dos moradores.  
Bandos de papagaios em formação ritmada e alta  
se mandando para as matas do outro lado.  
Araras azuis e vermelhas, aos pares, voando mais baixo,  
gralhando, acompanhando o bando alto, verde, em mesclas de ouro.  
Esperávamos a volta pela tarde, na mesma formação esquadriada,  
enquanto as andorinhas esvoaçavam aninhadas  
nos beirais do velho casarão.

Vinha dos campos e da mangueira um cheiro fecundo  
de vegetais e de apoio, mugidos intercalados da vacada,  
que à tarde mansamente descia dos pastos,  
procurando a frente da fazenda.  
O terreiro rústico participava desses encantamentos.  
Naquela comunhão sagrada e rotineira, a gente se sentia feliz  
e nem se lembrava de que não havia nenhum dinheiro na casa.

Pela manhã, muito cedo, meu avô ia verificar o moinho de fubá  
de milho, o rendimento da noite.

Passavam a rede para aqueles que, rápidos, desmontavam,  
e assim, até o fim da jornada.

Meu avô dava ordem: pegar o primeiro animal solto, passar o lombilho  
ou simples baixeiro. Focinhar de corda ou cabresto. Não negar ajuda.  
Nem todos iam até o fim, dependendo de mais ou menos carregadores.  
Iam numa correria até o cemitério.  
Assim era a solidariedade dos humildes.

Chegava alguém à Fazenda Paraíso.

Pela risada franca, alegre e alta, sabia-se,  
era seu Manoel Candinho, amigo de meu avô,  
caçador inveterado, contador de casos e causos, reais e imaginários.  
Era recebido com agrado, dos grandes e da meninada.  
Trazia sempre alguma coisa de presente.  
Rapadura de leite deliciosa, bonecas de engenho  
temperadas com folhas de figo, ninhadas de ovos escuros de perdiz,  
Morava nas terras de meu avô, na Fazendinha,  
assim chamado o lugar, de bons pastos,  
águas fartas e cultura.

Era ativo, tinha a sua engenhoca.

Enformava rapadura, destilava seu alambique de pinga  
e purgava suas dez fôrmas de açúcar, branco e mascavo.

Levava ao comércio (cidade) ou vendia na aldeia, (Mossâmedes)  
onde não havia fiscalização nem exigência de selo.

Tinha seu fumal caprichado e torcia um fumo ruivo,  
tido como especial com compradores na porteira.

Do resto dava uma demão ao meu avô sempre que precisava.

Multiplicava seu tempo, emendava o dia com a noite, incansável.

Murmuravam os invejosos: quem faz tudo na Fazendinha  
é a mulher e os filhos...

“Pé de boi” no trabalho. Ao que desmentia meu avô:

Nunca cheguei lá sem ser esperado que não encontrasse o Manoel agarrado  
no trabalho. Ele, a mulher e os filhos. Uma “roda-viva” sem parada.  
Assim fossem todos.

Toda família de Manoel Candinho era estimada na Fazenda,  
e não poucas vezes íamos até lá de passeio e era uma festa alegre.  
Voltávamos carregados com as ofertas daquela produção modesta e

[constante.

num faço não. Dá licença de' u tirá meus cacos e saí premero".  
No dia seguinte, o carreiro Anselmo desaparecia na volta da estrada,  
com o bagulho da sua pobreza.  
Os velhos bois foram entregues aos compradores.  
A fazenda mudou de dono. E a vida continuou  
com suas contradições e desacertos.